

Produção de parafasias lexicais e semânticas: reflexão a partir dos estudos sobre referenciação

Íria Marjori Schubalski Reisdorfer¹

¹ Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Caixa Postal 6045 – 13083-970 – Campinas – SP – Brasil –

ireisdorfer2@yahoo.com.br

Abstract. *The aim of this paper is to discuss about the so-called “paraphasia” production in the language of aphasic subjects, based upon theories on referenciation processes. It is also discussed the difference between data obtained in artificial, metalinguistic tasks and those obtained in interactive, dialogical episodes.*

Keywords. *Neurolinguistics; aphasia; lexical and semantic paraphasias; referenciation.*

Resumo. *O objetivo deste trabalho é discutir sobre as chamadas “parafasias” na linguagem de sujeitos afásicos, baseando-se nas teorias sobre processos de referenciação. É ainda discutida a diferença entre os dados obtidos em tarefas artificiais, metalingüísticas e aqueles obtidos em episódios interativos, dialógicos.*

Palavras-chave. *Neurolingüística; afasia; parafasias lexicais e semânticas; referenciação.*

1. Introdução

As pesquisas realizadas na área de Neurolingüística têm se desenvolvido muito, principalmente nas últimas duas décadas, com destaque para o estudo dos fenômenos afasiológicos. Nos trabalhos realizados a partir do início do século XX, nota-se a forte influência das teorias lingüísticas, sobretudo as estruturalistas e gerativistas, tanto nas análises dos dados, que passam a ser obtidos quase que exclusivamente pela aplicação das baterias de testes neuropsicológicos, como também na elaboração de modelos que visam explicar a organização da linguagem e de seu funcionamento, em termos mentais e/ou cerebrais.

Acompanhando o desenvolvimento da Lingüística, existem atualmente estudos neuropsicológicos e neurolingüísticos que buscam incorporar áreas antes desconsideradas, como a Pragmática e a Análise do Discurso. Há ainda, entretanto, uma grande incoerência entre um discurso que enfatiza a necessidade de abordagens que considerem a língua em relação à exterioridade e o fato de continuarem a descrever e a analisar apenas o sistema lingüístico, predominantemente unidades como *palavras* e *orações*.

As pesquisas desenvolvidas na área de Neurolingüística, no IEL – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, têm se dedicado a discutir criticamente as questões semiológicas que subjazem às classificações das chamadas *categorias clínicas*, ou *síndromes afasiológicas*, como por exemplo o *agramatismo*, a *jargonafasia*, a *síndrome frontal*, as *afasias semânticas*, dentre outras, ou dos *sintomas* que caracterizam essas síndromes, dentre os quais podemos citar a *fala telegráfica*, o *automatismo* ou *estereotípi*a, a *perseveração* e as *parafasias*.

Este último fenômeno, o das parafasias, basicamente diz respeito à substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por uma outra ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de semelhança entre o som ou palavra pretendidos e os efetivamente realizados. Do reconhecimento ou não da palavra-alvo pelo interlocutor resulta uma classificação que vai de uma parafasia fonológica a um jargão neologizante. O que parece ser bastante óbvio ou tranquilo na literatura tradicional, tanto na caracterização do fenômeno como na sua classificação em parafasias fonológicas, lexicais, semânticas ou neologizantes, de fato não é tão simples.

Para melhor compreender a produção das parafasias, tanto em situações de avaliação metalingüística como as produzidas em situações interativas, pela qual traçamos um paralelo com questões que envolvem a capacidade do sujeito de fazer referências, buscamos nas teorias lingüísticas enunciativo-discursivas, sobretudo nas teorias sobre referencialização, respaldo para uma melhor compreensão neurolingüística dos fenômenos parafásicos.

2. Sobre a Referencialização

Na Idade Clássica (séc. XVII), a discussão a respeito da linguagem e de sua relação com os objetos de mundo foi sustentada pelo paradigma da representação, no sentido de que um elemento *significante* somente se tornaria *signo* sob a condição de manifestar a relação que o liga àquilo que significa. Tal relação marcou dois destinos da questão da referência no séc. XX; o primeiro traçado pela semântica lógica de Frege e Russell, quando se busca a referência das palavras, ou seja, aquilo que elas designam, devendo fazer abstração do fato de sua enunciação; o segundo, traçado pelos filósofos de Oxford, que toma por princípio o aspecto duplo do signo, segundo os quais é impossível nos desvincilarmos da enunciação (*cf.* Ducrot, 1987).

Na primeira metade do séc. XX, a língua enquanto sistema foi objeto dos estudos lingüísticos, sendo que os sentidos aí existem de forma imanente ao sistema, des preocupado ainda com o referente extralingüístico.

A partir da segunda metade do séc. XX, com a ajuda das reflexões que supõem uma relação estreita entre linguagem e realidade, foram admitidos na lingüística outros objetos teóricos além da língua, como *enunciação*, *texto*, *sujeito*, *discurso*, *interlocução*, *etc.*, introduzindo o discurso e a enunciação como objetos legítimos da lingüística e integrou a referência nos estudos da enunciação.

No estado atual da questão, duas tendências gerais opostas podem aqui ser destacadas: a que entende que existe uma correspondência direta entre as palavras e as coisas e *referir*, neste contexto, significa operar por meios lingüísticos uma representação extensional de referentes no mundo e a outra que se fundamenta na concepção de que a língua é heterogênea, opaca, histórica, variável e socialmente construída, resultado de uma operação colaborativa dos parceiros da interação que constroem os referentes no e pelo discurso. Marcuschi (2002), afirma que o princípio da referência é o ato criativo, uma atividade complexa e não um simples ato de identificação ou de designação extensional. Trata-se de uma atividade lingüística e sócio-cognitiva, ligada acima de tudo à interação e à intersubjetividade.

No que se pauta pelo uso social da linguagem na construção do conhecimento e em nossa apreensão da realidade, tal perspectiva tem reunido diversos autores e posições teóricas em torno de uma agenda sócio-cognitiva da linguagem baseada em “lingüísticas da enunciação” (cf. Marcuschi e Salomão, 2004). Dentre os trabalhos atuais, podem ser citados os de Marcuschi, 2003, 2004; Mondada & Dubois, 2003; Koch, 1999, 2003; Morato, 2001, 2003, 2004; Salomão, 1999, 2003. Tendência acentuada, sobretudo na lingüística textual, para a qual a referenciação é uma atividade cognitivo-discursiva e interacional realizada por sujeitos sociais. Seus referentes seriam objetos de discurso construídos no decorrer dessa atividade, o que implica escolhas significativas dentre as diversas possibilidades que a língua oferece entre os interlocutores no processamento do discurso.

Também no campo da Análise da Conversação, segundo Mondada & Dubois (2003), a referenciação é tida como atividade de construção de referentes como objetos de discurso e não como objetos de mundo. Ela proveria de práticas simbólicas construídas por objetos cognitivos e discursivos, na intersubjetividade da negociação, modificação, ratificação de concepções individuais e públicas do mundo.

Salomão (2003), tratando de uma abordagem processual da referência, cita os estudos de Fauconnier, que focaliza a dimensão cognitiva do desdobramento do discurso em planos epistêmicos através da teoria dos espaços mentais, domínios em que as relações referenciais se realizam, o que é também compartilhado por Mondada & Dubois (2003). As categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Neste caso, as categorias e objetos de discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva, observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação.

Para Morato (2001), a referenciação tem a ver com uma “postura meta-enunciativa”(cf. Morato, 1999) dos sujeitos em relação aos objetos do discurso. Ela pode ser entendida como um fenômeno discursivo por explicitar enunciativamente os processos de significação nela envolvidos (o plano enunciativo da metalinguagem).

Embora no campo da Lingüística a noção de contexto tenha sido negligenciada por muito tempo, nas últimas décadas ela vem ganhando importância sob a forma de uma

distinção capital para os estudos sobre a produção e interpretação de enunciados, bem como para a identificação de referentes e de processos de implicação: trata-se da diferenciação do contexto lingüístico em relação ao contexto extralingüístico.

Na área de Neurolingüística, vários são os estudiosos que se interessam pelo que há de residual, íntegro, alternativo ou compensatório na linguagem de pessoas afásicas. Dentre os autores que no campo da teorização lingüística se dedicaram aos estudos da afasia, podemos citar Jakobson (1954), o primeiro lingüista a estudar sistematicamente as afasias, com base em pressupostos saussureanos e lurianos, definindo-as como um problema para realizar operações metalingüísticas, estabelecendo distinções entre as funções da língua (sintagmática e paradigmática) que estariam relacionadas e mesmo imbricadas em diferentes tipos de afasia. Por seu turno, Lebrun (1983), ao definir a afasia como perda da metalinguagem, procura deslocar a tendência de explicar as alterações da linguagem como um problema da ordem do cognitivo, uma alteração de linguagem interna ou de representação mental, conforme nos explica França (1987).

Coudry (1986), a partir de críticas a procedimentos avaliativos fechados e descritivistas, baseados especialmente em determinados testes metalingüísticos, revê alguns princípios teóricos da Afasiologia tradicional, apontando a importância de estudos discursivos e de uma metodologia não restrita a procedimentos quantitativos.

A partir de uma perspectiva enunciativa da metalinguagem, estudos de Morato (2001, 2002, dentre outros) e demais investigadores de seu grupo de pesquisa, como Donzeli (1998), Busato (2001), Tubero (2002), Cazalato (2003) e Boldrini (2004) colocam em discussão a própria definição de afasia enquanto perda metalingüística *stricto sensu*. O que se discute nesses trabalhos é a interpretação pragmático-discursiva dos processos meta (lingüístico, enunciativo, discursivo), aí tomados no funcionamento da linguagem. (*cf.* Morato, 1995).

3. Sobre as Parafasias

Na literatura neuropsicológica e neurolingüística há muitas questões a serem elucidadas com respeito às chamadas *parafasias lexicais* ou *semânticas*. Uma delas trata de definir se tais fenômenos resultam da perda do conhecimento (*competência lingüística dos sujeitos*) ou devidos a questões relacionadas ao funcionamento da linguagem. A crítica geralmente feita à primeira hipótese relaciona-se à dificuldade em explicar de que forma tal conhecimento possa estar *perdido* se há momentos em que a palavra vem à tona, mesmo que na forma de uma parafasia.

Le Dorze & Nespoulos (1989), por exemplo, ao tratarem mais especificamente das afasias semânticas, concluem que falhas na nomeação devem ocorrer por um problema de acesso na representação formal-lexical, o que caracterizaria o fenômeno como uma falha de processamento e não por um acesso na representação semântica, ou seja, não se trata de um distúrbio na competência.

É importante mencionar ainda que a literatura tradicional da área não considera as semelhanças entre a linguagem nas afasias e a dos sujeitos não-afásicos, dentre os quais o fato de que processos parafásicos ocorrem também em situações de cansaço, distração, etc., o que já havia sido apontado por Freud, no final do século XIX. Segundo ele, por parafasia entende-se uma perturbação da linguagem em que a palavra *apropriada* é substituída por uma outra, que tem uma certa relação com a palavra *alvo*. A semelhança se dá quanto ao seu sentido ou quando ligadas entre si por uma associação corrente, ou quando a troca é feita por um som semelhante.

Brown (1981) ressalta que as parafasias ocorrem simultaneamente com as anomias. Ele não vê problemas com a idéia de que as parafasias possam ser concebidas como sintomas de síndromes jargonafásicas ou fonêmicas. Entretanto, considera intrigante o fato de que a anomia e parafasias fonêmicas e semânticas possam co-ocorrer em uma mesma síndrome.

Segundo França e Morato (1990), geralmente parafasias - descritas em termos de frames ou campos semânticos - são utilizadas para implicar a existência de um dicionário mental autônomo e semanticamente organizado. Dentro desta proposta, pode-se tomar o problema de encontrar palavras como uma dificuldade nos níveis de integração semântica ou de seleção, os quais parecem ser independentes dos estágios de formulação sintática e fonológica. Parafasias verbais seriam como “janelas” para esse léxico mental. Além da crítica que os autores fazem a esses modelos, sugerem também que as parafasias poderiam não ser consideradas como problemas apenas de ordem semântica, mas também pragmática. Essa consideração parece ser crucial para a compreensão dos dados que emergem dos enunciados dos sujeitos afásicos, como os que serão apresentados abaixo.

4. Os dados

Uma questão a ser considerada é que as parafasias são vistas como sintomas de diferentes síndromes e normalmente os dados são obtidos em situações de avaliação metalingüística. Toda produção do afásico é avaliada em relação a uma palavra-alvo (do examinador ou do teste). Para ilustrar como esses resultados podem ser mal interpretados, segue abaixo o dado 1², em que se corre o risco de tomar como sendo parafásico o enunciado do sujeito, quando de fato ele não identificou corretamente o *referente* dado pela figura³. Se o teste tivesse sido aplicado como sugere o manual, e pressupondo-se que o investigador não conhecesse a palavra produzida pelo sujeito, certamente a resposta teria sido computada como a produção de uma parafasia neologizante, quando de fato é uma palavra da língua. No segundo exemplo, ao contrário, observa-se a produção de uma parafasia semântica. A figura de um “transferidor” foi nomeada como “régua”, sendo ambas do mesmo campo semântico, sendo que poderíamos explicar a palavra produzida por tratar-se de um hiperônimo. Um fato importante, que ajuda a compreender as produções de JB é o fato de que ele era engenheiro.

Dado 1:

Ex. 1: Ao observar a figura de um tripé:

Inv: *você também deve ter usado muito, já que fez engenharia...*

JB: *teodolito*

Inv: *não é um teodolito, mas você põe o teodolito em cima... lá na sala do grupo tem um, que a gente coloca a filmadora em cima, ele tem três pés... é um..*

JB: *tripé*

Ex. 2: Ainda no teste de nomeação, ao olhar a figura do transferidor:

JB: *régua*

Inv: *É um tipo de régua, mas como chama essa régua? (...) pra quê serve esta régua, para medir o quê?*

JB: *ângulo*

Inv: *isso, como chama mesmo? Trans... transfe... transfe...*

JB: *ridor...*

O dado descrito a seguir, de MG, refere-se a uma atividade que ela fazia com a ajuda de outros sujeitos.

Dado 02:

Pedia-se que ela desse o contrário de *quieto* e depois um sinônimo. Como alguém sugeriu como antônimo a palavra *falante*, o sinônimo dado foi “calado”. Ao tentar escrever a palavra, a investigadora dá as letras iniciais como um prompting para a escrita: C, A, L e MG produz então a seguinte parafasia: *CALAMAR*.

O fato a ser destacado com relação a este último exemplo é o de que embora não ela não tivesse produzido a palavra pretendida e não tivesse percebido depois que produziu algo completamente diferente, a natureza da parafasia pode ser melhor compreendida sabendo-se que anteriormente ao AVC (Acidente Vascular Cerebral) MG era dona de uma agência de viagens e sabe-se que uma operadora tem um nome bastante próximo: Calamares. Ela produziu uma parafasia lexical, sem relação com a palavra-alvo, mas relacionada a uma rede semântica que foi selecionada pelo prompting fonológico, já que enquanto ditava as letras iniciais, a investigadora também pronunciava as primeiras sílabas da palavra, comuns aos dois lexemas: *calado* e *calamares*.

Como se pode notar, os fenômenos parafásicos são bastante complexos e devem ser submetidos a rigorosas análises lingüísticas para serem melhor compreendidos. Os dados acima ilustram também, o fato de que essas análises devem extrapolar os níveis lingüísticos mais específicos da língua e incorporar as teorias pragmáticas e discursivas.

5. Notas

² Este exemplo foi extraído da análise feita por NOVAES-PINTO(1999), ao descrever e analisar resultados obtidos na tarefa de nomeação da Bateria de Boston.

³ Uma das críticas de NOVAES-PINTO(1999) ao teste de nomeação da Bateria de Boston é o fato de que muitas figuras são muito ruins, mal desenhadas e isso interfere nas tarefas de nomeação, mesmo em sujeitos não-afásicos, que não reconhecem os referentes.

6. Referências

- BOLDRINI, Mariana. *As expressões formulaicas na linguagem de sujeitos afásicos: um estudo dos idomatismos*. Unicamp, 2004. (Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. Fapesp. Processo: 02/ 09040-0)
- BROWN, J. W.. *Jargonaphasia*. New York: Academic Press, 1981.
- BUCKINGHAM, H. N. J.. Lexical retrieval disturbances in the posterior fluent aphasia, in *Studies in Neurolinguistics*, vol. 4, Whitaker & Whitaker (edt.). New York: Academic Press, 1979.
- BUSATO, Verônica. *A noção de “Metalinguagem” no campo da Neurolingüística: Um estudo Enunciativo*. Campinas, SP: [s.n.], 2001 (Dissertação).
- CAZELATO, Sandra E. *Estudo da Interpretação de Provérbios Equivalentes por Afásicos*. Campinas, SP: [s.n.], 2002 (Dissertação).
- COUDRY, Maria I.H. *Diário de Narciso: discurso e afasia*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- CRUZ, Fernanda M. *Uma perspectiva enunciativa da relação entre linguagem e memória no campo da Neurolingüística*. Campinas, SP: [s.n.], 2004. (Dissertação)
- DONZELI, Camila. *Análise de recontagem de piadas: um estudo de formas meta-enunciativas na linguagem de sujeitos afásicos*. Campinas, SP: [s.n.], 1998. (Iniciação Científica)
- DUCROT, Oswald. & TODOROV, Tzvetan. *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- FRANÇOZO, Edson. *Linguagem Interna e Afasia*. Campinas, SP: [s.n.], 1987 (Tese)
- JAKOBSON, Roman (1954). Dois Aspectos da Linguagem e dois tipos de Afasia. In *Lingüística e Comunicação*, (34-62), São Paulo: Cultrix,1981.

- _____ (1956). El metalenguaje como problema lingüístico. In *El marco del lenguaje*, (81-91), México: Fondo de Cultura Económica, 1988 (título original, 1980)
- _____ (1960). Lingüística e Poética. In *Lingüística e Comunicação*, (118-162), São Paulo: Cultrix, 1981.
- _____ (1971). Sobre las perturbaciones afásicas desde el punto de vista lingüístico. In *El marco del Lenguaje*, (93-107), México: Fondo de Cultura Económica, 1988.
- KOCH, Ingedore V.. Referenciação: construção discursiva. *Mimeo*, 1999.
- _____. A Referenciação como Atividade Cognitivo-Discursiva e Interacional. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.41. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- _____ & CUNHA-LIMA, M.L. Do Cognitívismo ao Sócio-Cognitívismo. In: MUSSALIN, F. & BENTES, Anna C. *Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LE DORZE, G. & NEPOULOUS, J.. Anomia in moderate Aphasia: problems in accessing the lexical representation, in *Brain and language*, 37, 381-400, 1989.
- LEBRUN, Yvan. *Tratado de Afasia*. São Paulo: Paramed, 1983.
- MARCUSCHI, Luiz A . Atos de referenciação na interação face a face. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.41. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- _____. Perplexidades e perspectivas da Lingüística na virada do milênio. In: *Mimeo*, 2003.
- _____. Do código para a Cognição: O processo referencial como atividades criativa. In: *Veredas* 13: 43-62, 2004
- _____ & SALOMÃO, M. Introdução. In: MUSSALIN, F. & BENTES, Anna C. *Introdução à lingüística – fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Daniele. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação In.: CAVALCANTI, Mônica M., RODRIGUES, Bernardete B. & CIULLA, Alena (org.s). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MORATO, Edwiges M.. *Um estudo da confabulação no contexto neuropsicológico: O discurso à deriva ou as sem-razões do sentido*. Campinas, SP: [s.n.], 1995 (Tese).
- _____. (In) determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.41. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- _____ et al.. *Sobre as afasias e os Afásicos: Subsídios Teóricos e Práticos Elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

- _____. & KOCH, Ingedore Villaça. Linguagem e Cognição: os (des) encontros entre a Lingüística e as Ciências Cognitivas. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.44. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- _____. Aspectos Sócio-Cognitivos da Atividade Referencial: Análise de expressões Formulaicas. (*a publicar*)
- NOVAES-PINTO, Rosana. A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas. SP: [s.n.], 1999 (Tese).
- POSSENTI, Sírio. Introdução. In: CARDOSO, Sílvia H.B. *A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SALOMÃO, Margarida. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: *Veredas*: 1: 61-79, 1999.
- _____. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, vol.44. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- TUBERO, Ana Lucia. A Construção da referência Discursiva por Afásicos e Não Afásicos em Situação Interativa no CCA. In: MORATO, Edwiges Maria et all. *Linguagem, Interação e Sociedade: A Experiência do Centro de Convivência de Afásicos e Não-Afásicos, da Universidade Estadual de Campinas*. Campinas, SP, 2002.
- ZAMPONI, Graziela. Processos de Referenciação: Anáforas Associativas e Nominalizações. Campinas, SP: [s.n.], 2003. (Tese).
-